

CITÂNIA DE SÃO JULIAO DE CALDELAS

Pelo

REV. PADRE JOÃO DE FREITAS

PREFÁCIO

Ao ser designado pelo Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcelos, para organizar, o melhor possível, o trabalho agora dado a público, homenagem póstuma ao Rev. Padre João de Freitas, de Caldelas, fiquei sensibilizado por poder dar mais uma pequena ajuda a um bom que nas horas vagas de seu sacerdócio, se dedicou ao Alto do Monte de S. Julião para ir desenterrando os restos de mais uma citânia do tipo das do Noroeste Peninsular.

Por mim sei o que representam estes sacrificios e esta publicação póstuma, das notas que chegaram às mãos do Director do Museu, é uma simples homenagem ao desaparecido pároco de Caldelas. Paz à sua alma.

VEIGA FERREIRA

I — INTRODUÇÃO

Esta notável Citânia ocupa o alto e as vertentes ES e O dum monte situado entre as freguesias de São João de Coucieiro e São Vicente da Ponte de Caldelas, ambas do concelho de Vila Verde.

Quase todo o planalto e as referidas vertentes pertencem à freguesia de São Vicente da Ponte de Caldelas em terreno maninho, administrada pela Junta de Freguesia. A pouco mais de dois quilómetros passa, ao fundo do formoso vale, o Rio Homem, de águas cor de esme-

ralda, que uma ponte medieval, a «Ponte de Caldelas», transpõe, fazendo a ligação das freguesias de São Vicente, e de São Tiago das Termas de Caldelas do concelho de Amares, na margem esquerda.

O arqueólogo bracarense ALBANO BELINO em «Cidades Mortas» (Arqueólogo Português) refere-se à Citânia de São Julião a que chama de São Julião de Coucieiro, nestes termos :

«Pela sua vastidão e numerosos vestígios de casas circulares, muralhas, etc., pode considerar-se uma citânia importante como a de Monte Vermelho na freguesia de São João de Rei (Póvoa de Lanhoso) que já produziu vários machados de bronze dos quais conservo um. A lenda da «Cova da Moura» é semelhante à de outras povoações do tipo desta».

Tem o monte de São Julião a forma cónica e é coroado por enorme rochedo, (no vértice), sobre o qual assenta pequenina ermida de São Julião que lhe deu o nome. É um pico sobranceiro à Casa dos Estalados que lhe fica no sopé e, por isso, me parece ter entrado na formação «PICO DOS REGALADOS» nome da antiga vila que branqueja ao fim do vale; por baixo do referido rochedo abre-se profunda caverna a «Cova da Moura» com a entrada actualmente obstruída pela acção dum raio. É surpreendente a vista que do alto se goza. O monte semelha um pedestal de cerca de 300 metros de cota (não a sei com exactidão) levantado no meio dum vale dos mais extensos e formosos da região minhota, onde repousa a bela mas adulterada igreja românica de São João de Coucieiro, a menos de um quilómetro, junto à estrada que dá acesso ao castro; vale ferassíssimo onde se desenham em caprichosas linhas os campos de lavradio orlados de uveiras de enforcado.

A norte e a fechar o círculo panorâmico: os píncaros gerezinos, a nascente São-Pedro-Fins, ponto términus da serra de Santa Isabel que demarca os vales do Homem e do Cávado, a poente o monte do Oural, a sul montanhas longínquas de linhas sinuosas em ondulações de verdura donde emerge o casario rural, as torres e os campanários alvejantes de dezenas de povoações. Dali se avistam «cidades Mortas» em todas as direcções :

A Sudeste «Castrum Magnum» da Brácará-Augusta, que Carlos Teixeira explorou e o «castro da Portela da Joubreia», a Sudeste as

«Estações» de Barbudo e de Mós, a Oeste «São Miguel-o-Anjo», a Este «São Sebastião» e «Castelhão» a nordeste.

Entre Castelhão e São Julião está o sino de ouro do rei «Mourão» diz-se por ali. Já o tinha notado o ilustre arqueólogo Sr. Doutor Joaquim Fontes, num proficiente estudo dos «achados» que daqui lhe levou o senhor Doutor Victor Fontes em 1916 (*Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, Tomo 7.º, Fasc. 2.º, 1916, Lisboa — pág. 198).

Autorizado pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes em Dezembro de 1935 a proceder a explorações arqueológicas na Citânia de São Julião de Cadelas de acordo com o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e aproveitando o tempo disponível das ocupações obrigatórias e as possibilidades que as circunstâncias me concedem têm-me interessado as escavações a que tenho procedido com apreciável lentidão pelos motivos apontados.

II — ESCAVAÇÕES

Esta Citânia de São Julião era defendida por quatro muralhas a norte, com a particularidade de possuir ainda um pano de muralha numa extensão de cerca de 30 metros. Uma quinta muralha a norte? Seria a defender uma entrada? É este o ponto menos defensável. A nascente identificam-se duas muralhas bem como a sul e poente. É terreno íngreme com taludes muralhados. A norte entre a muralha exterior e a imediata, a uma distância de mais de duzentos metros largo e extenso terrapleno.

1.º — *Sector escavado*: Numa dobra da muralha interior dentro e encostada a ela a primeira casa. *Casa n.º 1* — Diâmetro 4,20 m; espessura da parede 48 cm, tem vestíbulo com entrada patente. De forma circular tendo em frente um eirado empedrado, pavimento de barro batido, parede argamassada de pedras pequenas. No entulho nada de extraordinário. Fragmentos de olaria, muitos de tégula. A sul desta e à distância de 1 metro está a *Casa n.º 2* — circular, 5 metros de diâmetro, paredes de 40 cm com vestíbulo, com aparelho exterior revestido interiormente de pedra miúda com argamassa. Ao centro

uma parede quadrada com pavimento de barro batido. No entulho, fragmentos de olaria muito variada, bastantes fragmentos de tégula. Estou a preparar um álbum com os desenhos da olaria encontrada que guardo em minha casa numa vitrina, para que nada se perca. Tem sido demorada e demorará ainda a conclusão do referido álbum pelo pouco tempo de que posso dispor. Após o inverno do ano corrente, será apresentado relatório mais completo de todo o trabalho realizado.

Casa n.º 3 — Circular, diâmetro 4 metros, paredes sem aparelho especial, desmoronada a E, pavimento de barro batido e lajedo natural. No entulho muitos fragmentos de tégula, cerâmica fragmentada, rebordo dum grande vaso (*dolium*), percutores, um cossoiro de barro, seixos ovais espalmados com os lados quebrados na direcção do eixo menor (pesos de redes) em número de três, mais dois pesos de tear de barro com um furo na parte superior que o atravessa lateralmente, fundo de bilha em bico, rebordo e fragmento de asa parecendo da mesma bilha; A E desta e à pequena distância de cerca de um metro a 4.ª *Casa* — Diâmetro 4 metros, construção de pedra miúda, completamente destruída a E; no entulho nada de notável, ao lado sobre o eirado empedrado, apareceu uma fivela de bronze e uma moeda (pequeno bronze) analfabeto e muito gasto.

Segundo sector — A E do primeiro, entre a primeira e segunda muralha, num plano ligeiramente inclinado, um recinto empedrado, sob um valado, assenta a — *Casa n.º 5* — Diâmetro 5 metros, paredes de quase dois metros de altura. Esta casa foi ampliada sob forma rectangular. Num recanto empedrado, a S, entre ela e o valado, encontrou-se um lar com grande depósito de carvão e cinza; infelizmente os pastores, apesar de todos os cuidados, partiram a pedra larga do braseiro. No entulho cinco pesos de tear, muitos fragmentos de tégula que no local se encontram amontoados dentro das casas respectivas, variada olaria fragmentada e duas pequenas moedas de bronze muito delidas.

Casa n.º 6 — Encostada à casa n.º 5, a N, não havendo entre as duas mais que 15 cm., está a casa n.º 6, sob o referido valado, formada pela união de duas casas cilíndricas, sendo a do extremo norte, de diâmetro menor. Mede de comprimento 11 metros, nela estão duas

pedras rectangulares que seriam bancos, outra semelhando um cachorro de suporte. Encontraram-se no entulho desta, sessenta pesos de tear de barro, alguns deles, feitos de pedaços de tégula com o respectivo orifício e mais um de pedra. Destes pesos, um com dois orifícios e num dos orifícios um ferro. Encostada a esta, a N, está uma calçada (empedrada) que circunda a casa n.º 7. — *Casa n.º 7* — Circular, diâmetro 4 metros, sem vestígios de porta, mas ao lado encontrou-se um batente. Na calçada que a circunda encontram-se duas pequenas pias encostadas ao valado. A um metro desta, distância correspondente à largura da calçada para N, fica um recinto murado. De forma muito especial, 7 metros na maior largura, com vestígios de porta. Será alpendre? Separada por um muro a norte, apareceu a *Casa n.º 8* — De boa cantaria revestida interiormente de pedra miúda como a casa n.º 2, circular, diâmetro de 5 metros, porta de 0,80 m. No entulho desta casa sobretudo nos recintos que a cercam (estábulo?) encontraram-se grandes quantidades de olarias fragmentadas, montões de fragmentos de tégula. Neste recinto, encontraram-se a N da casa n.º 8, duas colunas de granito, uma completa, de 30 cm de base, 18 cm de diâmetro na maior espessura e 1,47 m de altura, partida em três fragmentos, que, reconstituída, guardo junto à minha residência em Caldelas. Esta, de bom paramento contrasta com a outra encontrada no mesmo sítio, grosseiramente trabalhada. Neste sector, encontraram-se duas pedras com sinais cruciformes, uma recolhida, a outra no lugar que ocupa, felizmente, sem, até hoje, ter sido deslocada.

III — ESPÓLIO

Cerâmica fragmentada, muito variada, alguma de pasta fina amarela, outra avermelhada, alguma de pasta branca; um vaso de barro branco com bico no rebordo (Est. III, n.º 3). Dois fragmentos de lucernas de barro preto e a asa de outra de barro amarelo ornamentada, muito semelhante às que apareceram recentemente em Braga durante os trabalhos do saneamento.

Fragmento dum (coador?) constituído pelo bojo dum vaso finamente perfurado. Uma trempe de barro, que pode reconstituir, colando

os onze pedaços que encontrei. Um prato de 50 cm de diâmetro quase completo, pintado de vermelho exteriormente, já desbotado e na cor natural do barro amarelo, no interior.

Outro prato de menor dimensão, com estrias circulares, de barro grosseiro, com goteira. Duas vasilhas.

Estas encontradas por um lavrador no vale ao fundo da Citânia, na escavação dum campo, numa cova aberta na argila dura.

Um pequenino copo de barro de 5 cm de altura por 3 cm de boca.

Tenho no meu arquivo uma coleção de rebordos e fundos de vasos encontrados na sua maior parte no Sector n.º 2.

Nove cossoiros. Um lindo machadinho de pedra, uma cunha de quartesito, percutores, polidores, pesos de rede. Encontraram-se tanto num como noutro sector, escórias de ferro, um encavadoiro, uma lâmina de tesoura (*forfex*), o resto duma choca ou chocalho de ferro e cobre, muito semelhante na forma aos que hoje se usam na região. Se não tivesse aparecido a 1,20 m de profundidade poderia oferecer dúvida, e assim mesmo...

Vidros e dois fragmentos ornamentados.

Onze moedas de bronze, sendo uma de Constantino, outra com a effigie dum guerreiro de capacete e legenda «URBS ROMA» no verso e Loba amamentando os gémeos e a inscrição «SENATUS CONSULTUS», as restantes são ilegíveis.

R É S U M É

Il s'agit d'une note posthume du père João de Freitas sur les fouilles réalisées par ce dernier dans le «Castro» de S. Julião de Caldelas, qui appartient à l'âge du Fer.

Après avoir étudié la situation du «castro», l'auteur donne une description sommaire des résultats des fouilles, énumérant ensuite les principaux objets recueillis.

NOTA — No rebordo dum vaso (fragmento) de barro grosseiro amarelado a sigla — CA — daquele CAMAL» que em Briteiros se vê em inscrições rupestres, na verga das portas e das olarias de variada forma.



Fig. 1 — Aspecto geral duma parte da citânia de São Julião de Caldelas



Fig. 2 — No primeiro plano escavação duma casa redonda



Fig. 3 — Casas redondas na citânia de São Julião de Caldelas



Fig. 4 — Mais um pormenor duma casa redonda depois de escavada

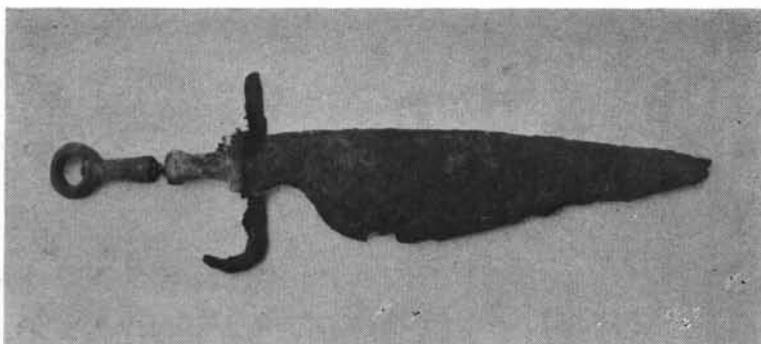


Fig. 5 — Adaga de uma sepultura romana de Caldelas. 2 — Mós e pedras encontradas na citânia; 3 — Vasilhas